

Lugares virtuais

João Pedro Aido

animalesenbruto.blogspot.pt

Poesia russa traduzida para castelhano pela bielorrussa Natalia Litvinova. Um poema de Tamara Karpenok, no dia 26 de maio de 2013:

Toda mi vida fue difícil,
como la de un buscador de oro.
Tanta arena dejé
pasar
entre los dedos
para encontrar un
brillante
grano de felicidad.

sobreasruinas.blogspot.pt

Blogue de poesia árabe. Um poema do palestino Najwân Darwîsh, no dia 12 de janeiro de 2013:

O autocarro dos pesadelos

vi-os deitar as minhas tias em sacos de plástico negro
e nos cantos dos sacos acumulava-se o sangue morno delas
(mas eu não tenho tias)
soube que tinham matado Natacha – a minha filha de três anos
(mas eu não tenho filha)
disseram-me que eles tinham violado a minha mulher antes de lhe arrojarem o corpo
pelas escadas e de o deixarem na rua
(mas eu não sou casado)
foram de certeza os meus óculos que foram esmagados debaixo das botas deles
(mas eu não uso óculos!)
...

dormia eu em casa dos meus pais e sonhava em viajar até à casa dela, e quando
acordei:
vi os meus irmãos
pendurados no telhado da igreja da Ressurreição.
dizia o Senhor por piedade: esta é a minha dor.
e eu recolhia o orgulho dos enforcados e dizia: não, esta é a nossa dor!
...

P

a dor ilumina e torna-se-me mais querida que os meus pesadelos

...

não fugirei para norte

Senhor

não me contes entre os que procuram refúgio

– fecharemos estas contas mais tarde –

agora tenho de ir dormir:

não quero chegar atrasado ao autocarro dos pesadelos

o que vai para Sabra e Chatila...

poesiailimitada.blogspot.pt

O blogue do poeta João Luís Barreto Guimarães.

Do poeta holandês Ingmar Heytze, o poema “O último homem a falar Ubykh”, no dia 2 de abril de 2014:

Por vezes, no decorrer dos últimos meses,
ele pensava numa palavra
e tentava lembrar-se da árvore ou da espécie de sapo
que ela nomeava:
a verdadeira árvore, sapo ou emoção
e não o sinónimo numa outra língua,
a língua que lhe levava os filhos e a luz da montanha,
os túmulos que ele varria e cuidava, as canções dos casamentos.
Enquanto anos de silêncio se conjugavam à soalheira
ele ficava no quintal
e sussurrava o nome de um pássaro
na sua língua materna,

enquanto memórias de neve e dias de feira,
das mãos do seu pai, do odor a tamarindo
se retiravam em palavras puídas:
o azul da infância dobrado como um lençol
e arrecadado.
Nada do que ele dizia era recordado; nada do que fazia
facto ou lenda,
na praça da aldeia.
Contudo reteriam mais tarde a palavra
que disse nessa manhã, pouco antes de morrer:

um nome para a morte, talvez,
 ou para a erva dos prados,
 ou, surgida à beira do pensamento,
 uma outra palavra que havia quando ele era pequeno,
 uma palavra raramente utilizada, embora existisse
 para tudo o que ninguém conseguia recordar.

Do poeta espanhol Pedro Sevilla, traduzido por Joaquim Manuel Magalhães [in *Poesia Espanhola de Agora*, Lisboa: Relógio d'Água, 1997, volume 1], o poema "Sensação de Viver", no dia 9 de abril de 2007:

Que me enchas a casa de perfumes e de meias
 de vidro e me quebres,
 com as mais recentes bandas sonoras da vida
 o ritmo dos versos que trato de escrever,
 isso posso compreendê-lo.
 Compreendo
 a arritmia na aritmética,
 o desprezo que tens
 pelos Áustria, os corações vermelhos
 na brancura virgem das tuas folhas,
 as tuas primeiras dores de mulher,
 compreendo isso tudo.
 Mas não me provoques, minha filha:
 não me tragas para casa tão doces miúdas de quinze anos
 com olhos inexplicáveis, com olhares
 ainda mais inexplicáveis. Diz-lhes que não pintem
 os lábios ao meu espelho, que não te emprestem roupa.
 Não metas no meu inferno esses diabos
 que me tratam por senhor. Sê boa filha
 e evita ao teu pai o duro lance
 de morrer de amor pela tua melhor amiga.

vimeo.com/119832728

Jeg sætter mig / I take a seat, 3'56", é um filme do artista belga Marc Neys, *aka* Swoon (www.swoon-videopoetry.com), baseado no poema homónimo do poeta, escritor e tradutor dinamarquês Morten Søndergaard, que lê o texto.

lindegaard.blogspot.pt

Blogue Travessa do Fala-Só, uma página de Vítor Santos Lindegaard, que "fez muitas coisas na vida, para a ir ganhando como podia. Foi, entre várias outras coisas, pintor de montras, cozinheiro, *roadie*, letrista, professor e tradutor, mas há mais de duas décadas que se dedica quase exclusivamente a estas duas últimas atividades." O autor da letra de "Amanhã é sempre longe demais" vive atualmente em

P

Moçambique e mantém ainda um blogue sobre moçambicanismos.

vimeo.com/karenmaryberr

Beyond the Seen, 2’03”, é baseado num poema de Yana Djin, uma poeta georgiana que vive atualmente em Nova Iorque (cf. **yanadjin.narod.ru**) O filme é inspirado na dimensão filosófica do poema e “explora a mensagem contra-corrente contrária aos valores capitalistas e materialistas, assim como a sua sensibilidade com o mundo invisível.”

aterceiranoite.org

A leitura solitária e a cápsula do tempo – um comentário de Rui Bebiano sobre Manuel António Pina, em 15 de janeiro de 2014, no blogue *A Terceira Noite*:

Numa crónica publicada em 2003, Manuel António Pina recordava aquela que era, para Walt Whitman, a estreita relação entre o autor e quem o lê: «O leitor sabe que, quando é de noite, estamos ambos sós.» Depois de lembrar a afirmação do poeta nova-iorquino, Pina continuava com as próprias palavras: «Só nos livros são possíveis ainda a noite e a solidão, em tempos de holofotes por todos os lados. E quanto os homens precisam de solidão, de se escutar a si mesmos na numerosa voz dos livros! E, em tempos como estes, barulhentos e estridentes, de silêncio!» Pouco mais de uma década depois disto ter sido escrito, o ruído não cessou de aumentar e são cada vez menos os que compreendem a necessidade da leitura imersiva e solitária que nos faça pairar por instantes na cápsula do tempo. Permitindo, como no intervalo de uma competição desportiva ou de uma tarefa difícil, que ganhemos força para prosseguir a jornada. Para não perdermos o norte enquanto tudo em redor acelera. Para não nos deixarmos cegar frente ao excesso de luz. Para que a razão não soçobre perante a estridência, deixando à solta o pior de nós.

trabalharcansa09.blogspot.pt

Blogue *Lavorare Stanca*, 22 de dezembro de 2013. Poema “Η Πόλις”, de Kavafis, na tradução em inglês de Keeley e Sherrard:

Η Πόλις

Είπες· «Θα πάγω σ’ άλλη γη, θα πάγω σ’ άλλη θάλασσα.
Μια πόλις άλλη θα βρεθεί καλλίτερη από αυτή.
Κάθε προσπάθεια μου μια καταδίκη είναι γραφτή·
κ’ είν’ η καρδιά μου — σαν νεκρός — θαμένη.
Ο νους μου ως πότε μες στον μαρασμόν αυτόν θα μένει.
Όπου το μάτι μου γυρίσω, όπου κι αν δω
ερείπια μαύρα της ζωής μου βλέπω εδώ,
που τόσα χρόνια πέρασα και ρήμαξα και χάλασα.»

Καινούριους τόπους δεν θα βρεις, δεν θάβρεις άλλες θάλασσες.
 Η πόλις θα σε ακολουθεί. Στους δρόμους θα γυρνάς
 τους ίδιους. Και στες γειτονιές τες ίδιες θα γερνάς·
 και μες στα ίδια σπίτια αυτά θ' ασπρίζεις.
 Πάντα στην πόλι αυτή θα φθάνεις. Για τα αλλού — μη ελπίζεις—
 δεν έχει πλοίο για σε, δεν έχει οδό.
 Έτσι που τη ζωή σου ρήμαξες εδώ
 στην κώχη τούτη την μικρή, σ' όλην την γη την χάλασες.

The City

You said: "I'll go to another country, go to another shore,
 find another city better than this one.
 Whatever I try to do is fated to turn out wrong
 and my heart lies buried as though it were something dead.
 How long can I let my mind moulder in this place?
 Wherever I turn, wherever I happen to look,
 I see the black ruins of my life, here,
 where I've spent so many years, wasted them, destroyed them totally."

You won't find a new country, won't find another shore.
 This city will always pursue you. You will walk
 the same streets, grow old in the same neighborhoods,
 will turn gray in these same houses.
 You will always end up in this city. Don't hope for things elsewhere:
 there is no ship for you, there is no road.
 As you've wasted your life here, in this small corner,
 you've destroyed it everywhere else in the world.

campodemaniobras.blogspot.pt

Blogue *Otra Iglesia Es Imposible*. Entrada de 4 de março de 2014, sobre o poeta genovês Eugenio Montale, numa tradução espanhola de Fabio Morábito:

Elogio de nuestro tiempo

No se puede exagerar bastante
 la importancia del mundo
 (del nuestro, quiero decir)
 probablemente el único
 en que se puede
 matar con arte y crear también
 obras de arte destinadas a vivir
 el lapso de una mañana, si bien hecha

P

de milenios y hasta más. No, no se puede
magnificarlo bastante. Sólo
que debemos darnos prisa
porque podría no estar lejana
la hora en que se infló más de la cuenta,
según un conocido apólogo, la rana.

Eugenio Montale (Génova, 1896-Milán, 1981), "Quaderno di quattro anni" [1973-1977], *Poesía completa*, traducción de Fabio Morábito, Galaxia Gutenberg-Círculo de Lectores, Barcelona, 2006.

www.youtube.com/channel/UC4mGRD3WLYVVc4JI5LrXxUw

O que é que nos torna humanos? Será porque amamos, porque brigamos? Porque rimos? Porque choramos? Por causa da nossa curiosidade? Por causa da busca da descoberta? E o que é o amor? E a dignidade? O que é a pobreza? E a generosidade? O que é aceitável e o que não é? Quais são as coisas mais importantes que fazemos? O que é que nos mata como seres humanos? O que pode ser uma apologia da sobriedade? Qual é o sentido da vida? O que fazemos *aqui*? O que deixamos quando morremos?

Levado por estas questões, num método de construção de sentido por colagem de histórias que faz pensar no trabalho da bielorrussa Svetlana Aleksievitch, prémio Nobel da Literatura em 2015, o realizador e artista Yann Arthus-Bertrand passou três anos a recolher histórias reais de mais de dois mil homens e mulheres em 60 países. Com a sua vasta e dedicada equipa, que inclui jornalistas, tradutores e operadores de som e imagem, Yann consegue capturar aqueles momentos mais profundamente pessoais e emotivos que nos unem a todos, numa luta contra a pobreza, a guerra, a homofobia e por um futuro em que possa haver amor e felicidade num planeta que é captado em imagens sempre deslumbrantes.

Veja-se o confronto entre imagens de 'ondas': uma onda de lixo, na República Dominicana, que parece submergir um homem – numa alegoria inesquecível da vida de indigência e miséria –, ou a onda de uma multidão comprimida claustrofobicamente numa piscina – uma alegoria de uma pequena felicidade possível e necessariamente compartilhada, na China –, ou a onda de espetadores numa bancada de um estádio alemão – numa alegoria em que a felicidade parece ter uma dimensão inescapavelmente tribal, como nas paradas militares. Imediatamente depois um homem africano diz que “antes não morríamos como hoje”. E um jovem sírio acrescenta: “o homem pode virar um monstro”. Ou simplesmente encontrar aqueles momentos em que o tempo para. Em que há uma faísca de luz no meio da loucura humana. Como se pode saber se temos força moral suficiente para enfrentar o momento da verdade em que alguém é capaz de sacrificar a única vida que tem por outra pessoa?

cvc.cervantes.es/literatura/clasicos/default.htm

Coleção de clássicos hispânicos do Centro Virtual Cervantes preparadas por diversos especialistas.

cvc.cervantes.es/quijote/default.htm

O Centro Virtual Cervantes constitui um rico fundo bibliográfico de recursos digitais para nos aproximar da figura de *Dom Quixote*: desde o diálogo com a história, a música, a publicidade, a

gastronomia, até ao ensino do texto cervantino para alunos estrangeiros de espanhol ou as reescritas do livro na América. Podemos consultar a edição crítica do Quixote preparada por Francisco Rico e comentada por hispanistas de reconhecido prestígio.

galvan.usc.es/caes

O Instituto Cervantes, em colaboração com a Universidade Santiago de Compostela, apresenta o *Corpus de aprendices de espanhol como língua estrangeira* (CAES), um conjunto de textos de aprendentes de espanhol de diferentes níveis (A1-C1 do *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas*) e seis línguas maternas diferentes, entre as quais o português, recolhidos em universidades e sedes do Instituto Cervantes de diversos países. Esta ferramenta, semelhante ao *International Corpus of Learner English* (ICLE) da Universidade da Lovaina, pode ser uma referência útil para os especialistas em didática das línguas estrangeiras: o corpus conta com 575 mil resultados linguísticos e permite investigar problemas de aprendizagem, analisar erros mais frequentes e diferentes frequências de uso.

bibliotecariodebabel.com/tag/osvaldo-manuel-silvestre

O que leem os críticos quando não são obrigados a ler? Responde Osvaldo Manuel Silvestre, através do Bibliotecário de Babel, no dia 14 de setembro de 2008:

“As férias ideais deveriam ser, no que toca à leitura, um tempo descomprometido em que se lesse pelo prazer de ler’. Este é, pelo menos, o grande mito romântico da leitura estival, geralmente traduzido em coisas leves (policiais, romances de aventuras, etc.) ou pesadas (os calhamaços). Como acredito na esterilidade da oposição entre leitura descomprometida e leitura “com programa”, a questão não me preocupa. Lembro-me sempre, a este propósito, de uma pergunta que um dia uma repórter (Maria João Avillez?) fez a Fernando Mamede: “Gosta de correr?” Mamede ficou interdito, pois a questão nunca lhe tinha ocorrido: corria porque não conseguia viver sem o fazer, e era tudo. Como também não consigo viver sem ler ou escrever, a questão é-me secundária: que leia um livro porque simplesmente um impulso sem amanhã me levou a fazê-lo, ou que o faça porque o livro se inscreve nos meus interesses (profissionais, até), obsessões ou compromissos, é-me irrelevante. A única coisa que para um leitor não é irrelevante, creio, é a falta de tempo. Ora, como em princípio nas férias há mais tempo – embora sempre menos do que nesse paraíso dourado da leitura que são as “férias grandes da adolescência” –, o leitor sente-se em casa nesse interregno laboral que lhe permite dedicar-se ao seu vício. Passo então a enumerar alguns dos livros que li nestas férias (opto por não referir os mais propriamente académicos).

Comecei-as a ler *O Homem sem Qualidades*, de Robert Musil, na magnífica tradução de João Barrento. Tinha-o lido há muito e aproveitei o pretexto da nova edição para voltar à obra, que me confirmou na ideia de que a noção de literatura de que ela se alimenta é hoje uma coisa infelizmente do passado (noutra versão um tanto diferente, poderia dizer que é minha convicção que não há hoje um Musil, e seguramente que não há um Musil na Europa). Um passado glorioso, o de Joyce, Proust, Pessoa, Beckett, etc., sem par hoje. Ao ler o livro, apercebi-me de que, como outras grandes obras (o *Livro do Desassossego*, por exemplo), é um livro que em rigor só se relê. Ou seja, é impossível lê-lo sem que sejamos de imediato arrastados para o espaço labiríntico da releitura. A sua própria organização, em

P

capítulos que são blocos autonomizáveis no seu devir ensaístico, pede paragem, retrocesso, regressão, demora, reflexão e releitura sem fim. Fico a desejar que o volume III demore a sair, para poder reler durante muito tempo estes dois, ou partes deles.

Li também os volumes da série ‘O Bairro’ de Gonçalo M. Tavares que ainda não conhecia, e confirmei duas coisas: o seu parentesco com a linha genealógica moderna que tem em Musil uma figura patriarcal; e que, de entre os ficcionistas novos, Gonçalo é o único que vale a pena ler, talvez com Alexandre Andrade.

Li e reli, ou ao contrário, os últimos, e excelentes, livros de poemas de Bénédicte Houart, *Vida: Variações*, e de Daniel Jonas, *Sonótono*, que, juntamente com Luís Quintais, são os poetas portugueses abaixo dos 40 cuja leitura mais me mobiliza.

Comecei ainda a leitura de um livro que espero não tenha fim: *Borges*, de Adolfo Bioy Casares, editado em 2006. São 1664 páginas nas quais Bioy Casares registou, ao longo de 40 anos, todos os seus encontros com Borges. Como o próprio sugere, há algo do labor de Boswell, na *Vida do Dr. Johnson*, neste empreendimento tão impúdico como revelador de uma amizade rara. Para quem ama a obra de Borges, e a de Bioy, este livro – de magnífica factura, manejável e leve, apesar de grossíssimo – é mais do que obrigatório: porque é um breviário, um livro para todas as estações, um compêndio de tudo o que a literatura, e em especial a literatura de dois escritores tão sábios, pode dar. Chamo a atenção, no plano pessoal, para as revelações sobre a vida amorosa, e mesmo sexual, de Borges, que aprendemos ser algo de distinto daquela versão “branca” que foi circulando; ou para as páginas inigualáveis sobre a morte de Borges. Não resisto a citar uma nota brevíssima desses últimos momentos: “Hasta el final [Jean-Pierre] Bernès le leyó *Ulrica*. Borges comentó: ‘Soy un escritor’.” (pág. 1596).

Por fim, e na sequência de uma viagem rápida ao Rio de Janeiro, comecei a ler o n.º 20, naturalmente comemorativo, da revista de poesia *Inimigo Rumor*, hoje editada pela 7 Letras do Rio e pela Cosac & Naify de S. Paulo. É um número admirável, sem par nas revistas de poesia em português. Do pouco que já li quero destacar as traduções de poetas franceses recentes por Carlito Azevedo. Poemas magníficos, a mostrar que há no Brasil uma atenção despreconceituosa às coisas francesas que por cá não se encontra, pois toda a gente sabe, de ciência certa, que “a poesia francesa acabou”... E ainda um magnífico ensaio de Flora Süssekind, uma das grandes ensaístas do Brasil, intitulado “Hagiografias”, sobre a obra, as lendas, a “hagiografia” que rodeia três grandes figuras da poesia brasileira dos 70: Ana Cristina Cesar, Cacaso e Paulo Leminski. Há muito mais nas quase 330 páginas da revista, que inclui até um dossiê sobre fotografia, mas, como no caso do livro de Borges, faço questão de ir lendo devagar, de preferência até que saia o próximo número.”

www1.ci.uc.pt/digit/DigLitWebAboutDigLitWeb.html

DigLitWeb: *Digital Literature Web*. Um sítio que se apresenta assim: “É um hipertexto em curso. Pretende investigar a digitalização da literatura, com especial incidência no campo dos Estudos Ingleses e Americanos. Constitui-se como ambiente colectivo de aprendizagem crítica e como guia selectivo de obras e arquivos electrónicos em acesso remoto. São consideradas quer edições electrónicas do património literário, quer os novos géneros e formas digitais. (...) As [seis] secções [*Arquivos, Digitais, Ensaios, Figuras, Histórias e Metatextos*] são parcialmente bilingues (apresentando-se em português e/ou inglês).”